
GEOGRAFIA, SEGURANÇA PÚBLICA E A CARTOGRAFIA DOS HOMICÍDIOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Clay Anderson Nunes CHAGAS¹

186

Resumo

A violência no Brasil está se manifestando de forma cada vez mais intensa, transformando a vida da população numa proporção alarmante. O medo cada vez maior da violência e da criminalidade deve-se a um conjunto de fatores, que passam pela aceleração do processo de urbanização e a precarização das condições de vida nos centros urbanos, ao contrário de décadas atrás cujo crime e a violência eram fenômenos das Regiões Metropolitanas, ocasionado por um processo de urbanização concentrada, hoje é uma realidade presente em todas as dimensões do espaço urbano, independente do tamanho da cidade (SANTOS, 2008). No contexto específico do Estado do Pará, este quadro de urbanização acelerada também pode ser observado, principalmente a partir dos anos de 1960, com a implementação da “modernização da fronteira”, que culminou com a intensificação do processo de migração inter-regional, cidades como Marabá, Parauabepas e as da Região Metropolitana de Belém, entre outras, emergem como cidades com altos índices de violência. O presente artigo foi elaborado a partir das discussões desenvolvidas no projeto de pesquisa “Território, Produção do Espaço e Violência Urbana: Uma leitura geográfica da criminalidade na Região Metropolitana de Belém”, e do Projeto de Extensão: “Atlas Geográfico de Homicídios da Região Metropolitana de Belém” que estão sendo realizados em parceria com a Universidade Federal do Pará, Universidade do Estado do Pará, Secretaria de Segurança Pública do Pará - SEGUP, em especial com a Subsecretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal – SIAC, que vem nos fornecendo os dados criminais do Estado do Pará e suporte a complementação de informações as análises criminais, desde 2010. Nosso objetivo nesse trabalho é analisar a dinâmica da produção do espaço urbano, do território e as novas territorialidades e a sua implicação na elevação e distribuição da criminalidade (homicídios) na Região Metropolitana de Belém no período de 2011-2013.

Palavras-Chave: Cartografia, Homicídio, RMB

GEOGRAFÍA, SEGURIDAD PÚBLICA Y CARTOGRAFÍA DE HOMICIDIOS EN EL ÁREA METROPOLITANA DE BELÉM

Resumen

La violencia en Brasil se está manifestando cada vez más intensa, la transformación de la vida de la población a un ritmo alarmante. El creciente temor a la violencia y el crimen debido a una serie de factores, que pasan a través de la aceleración de la urbanización y las precarias condiciones de vida en los centros de proceso urbano, a diferencia de décadas atrás, cuyo crimen y la violencia eran fenómenos en áreas metropolitanas, causadas por un proceso de urbanización concentrada, hoy es un regalo en todas las dimensiones de la realidad de lo espacio urbano, independientemente del

¹ Universidade Federal do Pará/ Universidade do Estado do Pará. e-mail: claychagas@yahoo.com.br

tamaño de la ciudad (SANTOS, 2008). En el contexto específico del estado de Pará, la imagen de la rápida urbanización puede ser visto principalmente desde la década de 1960, con la aplicación de la "modernización de la frontera", que culminó con la intensificación de los procesos de migración inter-regionales, ciudades como Marabá, Parauabepas y la región metropolitana de Belém, entre otros, emergen como ciudades con altos índices de violencia. Este artículo fue preparado a partir de los debates desarrollados en el proyecto de investigación "Planificación, Producción del espacio y Violencia Urbana: Una lectura geográfica de la delincuencia en la región metropolitana de Belém", y el Proyecto de Extensión: "Homicidio Atlas Geográfico de la Región Metropolitana de Belén" que está siendo llevado a cabo en colaboración con la Universidad Federal de Pará, la Universidad del Estado de Pará e el Departamento de Seguridad Pública de Pará - SEGUP, especialmente el Subsecretario Adjunto de Inteligencia Criminal y Análisis - SIAC, que nos ha proporcionado datos sobre la delincuencia del Estado de Pará y apoyar la realización del análisis de información criminal, desde 2010. Nuestro objetivo en este trabajo es analizar la dinámica de la producción del espacio urbano, el territorio y la territorialidad y su nueva participación en la recaudación y distribución de lo delicto (homicidio) en la Región Metropolitana de Belém, en el período 2011-2013.

Palabras clave: Cartografía, Homicidio, RMB

INTRODUÇÃO

O crescimento urbano acelerado e concentrado que as cidades brasileiras passaram nos últimos anos proporcionou entre outras coisas: uma precária infraestrutura urbana, associada às péssimas condições de moradia e precários indicadores sociais. Essa dinâmica empurra a população mais pobre para espaços periféricos, onde é facilmente perceptível a perda do direito à cidade, conforme ressaltar Lefebvre (2001) e Santos (2007) e a proliferação dos mais variados tipos de violência e crimes.

Há vários equívocos quando o assunto é a violência, pois existe muito preconceito em relação a esse tema, como por exemplo, sua mensuração é realizada por indicadores que quase sempre são exclusivamente socioeconômicos tentando demonstrar que os crimes são inerentes às regiões mais pobres da cidade. A violência dissemina-se por todas as classes sociais. Ricos e pobres são "agraciados" com sua presença. A diferença nesse contexto do espraiamento da violência é que os primeiros possuem condições econômicas de se protegerem com tecnologias que garantem uma falsa sensação de segurança, enquanto o segundo grupo por não ter esses diferenciais torna-se a parte mais vulnerável de todas as formas que a violência contém. O que se percebe é que existe uma tipificação do crime conforme o bairro estudado,

nas áreas periféricas, os crimes violentos são mais comuns, enquanto que nas áreas mais elitizadas são perceptíveis os crimes contra o patrimônio, furto e roubo.

Assim nosso artigo justifica-se pela necessidade de compreender como acontece a disseminação da criminalidade e da violência na Região Metropolitana de Belém, em especial nos anos de 2011 a 2013, possibilitando assim a criação de uma cartografia da criminalidade e violência, destacando os homicídios. É importante ressaltar que essa cartografia será analisada a partir das discussões que estão ao entorno dos conceitos de produção do espaço urbano, território, territorialidade, violência e crime, o que permite pensar uma análise geográfica da criminalidade e da violência na Região Metropolitana de Belém.

Nessa perspectiva, nosso objetivo consiste em analisar a criminalidade a partir do processo de reprodução do espaço urbano, com destaque para a periferização, compreendendo assim, a disputa pelo território e as novas territorialidades que produzem uma busca contínua pelo poder dos agentes envolvidos na nova dinâmica, o que acaba produzindo uma especificidade da criminalidade e violência na Região Metropolitana de Belém, além de produzir uma cartografia dos homicídios na Região Metropolitana de Belém possibilitando a criação de *hot spots* – zonas vermelhas de homicídios.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E A CRIAÇÃO DE ÁREAS DE PERIFERIZAÇÃO

Podemos apontar diversos fatores dentro do espaço urbano que podem contribuir para o aumento da violência, como exclusão social, pobreza e favelização, que se apresentam intensamente em áreas periféricas, desvalorizadas e abandonadas pelo poder público, tornando assim o ambiente propício para difusão e estabelecimento da criminalidade.

Segundo Corrêa (1989), a especulação fundiária gera aumento no preço da terra e consequentemente aumenta o preço dos imóveis urbanos, o que influencia diretamente no salário dos trabalhadores que acabam fazendo pressão através de greves, o que às vezes acaba gerando violência, pois os trabalhadores reivindicam aumento de salários para acompanhar tal especulação. Devido à especulação imobiliária, a camada mais pobre acaba indo morar nas áreas menos valorizadas, que geralmente encontram-se nas periferias das grandes cidades, onde há uma carência muito grande de infraestrutura e equipamentos urbanos, tendo em vista que o Estado em grande parte exclui as periferias direcionando recursos sobre pressão e indicação das classes dominantes (MELO, 2012).

Essa dinâmica tem como consequência a queda dos salários dos trabalhadores industriais, imigração de gente pobre, oriundas das áreas rurais modernas e tradicionais e de outras áreas urbanas, que são acolhidas pelas grandes cidades, oferecendo-lhes uma espécie de ocupação, o que influencia diretamente para o desmantelamento do estado do bem estar, que contribui para o empobrecimento ainda maior da população (SANTOS; SILVEIRA, 2003).

189

Segundo Lefebvre (2006) o espaço urbano inclui objetos naturais e sociais, os quais são também relações. Assim, a produção da cidade apresenta momentos distintos, com características e especificidades inerentes próprias do momento da produção do espaço. Com isso, é possível entender que uma cidade ou mesmo um bairro apresenta-se como um mosaico de formas e funções, que são a materialidade da temporalidade do processo de produção do espaço.

Os objetos possuem formas, que segundo Lefebvre (2006, p. 30):

O trabalho social os transforma, reorganizando suas posições dentro das configurações espaço-temporais sem afetar necessariamente suas materialidades, seus estados naturais, ou seja, altera sua função, sem alterar sua forma. Tempo e espaço são inseparáveis (...), espaço implica em tempo e vice versa.

Podemos dizer então que o espaço urbano é um produto das relações e interações dentro dele próprio, antes, porém, é necessário definir quais concepções envolvem esses conceitos de espaço.

O aumento demasiado da violência nos últimos tempos, possibilitou o surgimento da ideia de que nos espaços pobres e periféricos a violência aparece de forma mais intensa, quando comparada aos espaços elitizados, porém o que acontece é que a violência se apresenta em determinados lugares de acordo com a espacialidade e as peculiaridades dos mesmos, o que depende da relação do homem e da territorialidade. Geralmente, nestes espaços elitizados, dependendo do tipo, a violência aparece de fora para dentro, oriunda da periferia, onde o indivíduo é facilmente influenciado e excluído socialmente e acaba levando a violência para outros lugares (lugares elitizados), ou seja, as organizações criminosas tomam o poder nos espaços periféricos e o indivíduo passa a cometer delitos também nos espaços elitizados com os indivíduos recrutados nas periferias pobres, difundindo para toda a cidade, principalmente para os espaços elitizados, onde existem as maiores atratividades.

Dessa forma, os espaços onde há baixa estrutura organizacional de família, igrejas, centros comunitários e mesmo a participação do Estado, como é o caso de bairros pobres ou

áreas de invasão, passam a ser um ponto propício para o surgimento da criminalidade e da violência. Assim, fica mais difícil o controle social e auxilia na proliferação da violência e da criminalidade, uma vez que a sociedade local não consegue se mobilizar para impedir tal situação, permitindo a proliferação da ação de grupos de criminosos que disputam o território. Essa realidade é bastante presente na Região Metropolitana de Belém, o que fica evidente, principalmente, pelo acelerado processo de horizontalização e periferação que as cidades que fazem parte da RMB apresentam. Há elevados índices de criminalidade e violência e cidades como Belém, Ananindeua e Marituba estão entre as mais violentas do país (WASELFISZ, 2010).

190

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E FORMAÇÃO DE ZONAS DE TENSÃO

Partindo de uma percepção geográfica, quando falamos de violência e buscamos uma relação com o território, podemos perceber que a primeira é um recorte do segundo, ou seja, a violência é parte de um território como um todo, e pode ser identificada através do contexto e de suas peculiaridades (RAFFESTIN, 1996). O território é reflexo de diversas variáveis sociais (pobreza, desigualdade social e qualidade de vida), que estão relacionadas a valores culturais, sociais, econômicos, políticos e morais; a violência pode ser apontada como resultado dessa relação, o que pode justificar a territorialidade da violência.

Segundo Ferreira; Penna (2005, p. 5045):

No contexto da desorganização socioespacial do crescimento urbano, existe uma interação de processos (econômicos, sociais, espaciais, institucionais, políticos e culturais) que contém e estão contidos no cotidiano da vida urbana, que somente pode se realizar produzindo e consumindo um espaço.

O processo de periferação produz novas territorialidades, entre elas a territorialidade da violência e/ou criminalidades. Para Raffestin (1996) não existe vazio de poder, onde o Estado não se faz presente, os agentes tendem a ser territorializar, como: lideranças comunitárias, igrejas, pequenos agentes econômicos e mesmo grupos criminosos. O surgimento de um aglomerado subnormal, nessa perspectiva faz surgir um novo ponto no espaço a ser disputado e conquistado por esses agentes territoriais.

A interação desses processos origina o território da violência e/ou da criminalidade, constituído por grupos criminosos organizados ou não, que dominam áreas específicas de um bairro se estabelecendo para desenvolver suas atividades criminosas (tráfico de drogas, sequestros, assaltos, receptação de objetos roubados, etc.). Neste contexto as áreas de

periferização são locais propícios para o estabelecimento do território do crime, onde as peculiaridades como a ilegalidade, a ausência de segurança pública e das instituições de controle público e dos serviços públicos mínimos são fatores determinantes para a instalação e fixação de zonas de tensões, nessa perspectiva, o crime, especialmente os violentos, passa a ser o instrumento coercitivo para a fixação e controle do território de grupos ligados à criminalidade, e daí articula suas ações no espaço urbano.

Nessas cidades e lugares sociopoliticamente/espacialmente fragmentadas é que o medo generalizado toma conta, gerando uma “cidade do medo” (SOUZA, 2008) o que possibilita a proliferação de um ambiente com rastros de violência e medo, insegurança e desesperança, são esses fragmentos de cidade onde é conveniente a disseminação da criminalidade. Nesses lugares onde prevalecem elevadas taxas de desempregado, baixa atuação do Estado, sensação de insegurança, precários indicadores sociais, entre outros, favorecem que os jovens, devido às poucas possibilidades de melhoria das condições de vida, acabem vinculados ao crime. Assim, as atividades ilegais, o adensamento e a expansão de redes ilícitas articulando grandes pontos, resultam em espaço local cada vez mais fraturado sociopoliticamente e menos vivenciado como um ambiente comum de socialização (SOUZA, 2000).

Para Beato Filho (2012) a violência não pode ser considerada um fenômeno recente, contudo, como já foi abordado em um primeiro momento, com a urbanização houve um incremento significativo nos índices de violência e da criminalidade nas cidades. No Brasil, esse fenômeno é gerado por meio da desigualdade socioespacial e socioeconômica, pobreza, uso de drogas, participação do Estado nas áreas de periferização estão diretamente ligadas à elevação das taxas de crimes das mais variadas especificações.

Outro ponto bastante relevante se dá acerca do aparecimento cada vez maior dos jovens nos índices de violência, tanto como vítima, quanto como atores que contribuem para o aumento desta. Por isso, o Brasil vem sendo apontado como o país do genocídio dos jovens, sendo está mortandade diretamente relacionada à história da violência no país. A partir desta realidade Beato Filho (2012, p. 152) comenta:

As chances de morrer, vítima de homicídio quando se é um homem jovem habitante da periferia, chega a ser de até trezentas vezes mais do que para uma senhora de meia idade que habita bairros de classe média. No entanto todos os esforços de nosso sistema de justiça e de organizações às voltas com a segurança pública parece ser a de proteger justamente aqueles que estão menos expostos a violência.

Faz-se necessário enfatizar a relação entre violência e o poder, vendo a primeira como uma das principais ferramentas para a manutenção do segundo alegando que “toda diminuição de poder é um convite à violência” (ARENDDT, 2004, p. 54). Nesse sentido, o poder está por trás da violência, que serve como justificativa para manutenção do mesmo. A violência possui um diferencial no que tange poder, força ou vigor, tendo como principal característica o meio e o objetivo pelo qual vai ser praticada, sendo que, quando levamos em consideração a atividade humana há uma tendência em que os fins podem ser dominados pelos meios, ou seja, os meios alcançados para se chegar a objetivos, na maioria das vezes podem ser de maior relevância para o mundo futuro, do que os objetivos pretendidos” (ARENDDT, 2004, p. 55).

Assim, podemos dizer que a forma como a violência se apresenta para a sociedade depende do contexto histórico, que vai definir o tempo dos acontecimentos e como a violência se apresenta no espaço, ou seja, a violência pode variar de acordo com as tendências e o contexto da relação do homem com o espaço, onde o fator determinante é a busca de seus objetivos.

Precisamos entender a relação entre os processos sociais, espaciais, econômicos, institucionais, políticos e culturais, que estão contidos na vida urbana da sociedade e que são primordiais para a configuração do espaço e para definição da territorialidade da violência urbana em cada contexto. Quando falamos principalmente em percepção podemos chegar a um conceito bastante subjetivo, tendo em vista que o homem modifica constantemente o espaço, portanto a percepção e o conceito do espaço são fundamentais para a compreensão da realidade da violência e da criminalidade urbana (CHAGAS, 2012).

Segundo Alvarenga (2004), podemos diferenciar crime e criminalidade da seguinte forma: o primeiro é um fenômeno individual e singular, enquanto esta é um fenômeno social que compromete os processos comuns da vida em sociedade, podendo variar de acordo com o contexto em que está inserida. Logo, a criminalidade pode ser entendida como um conjunto de crimes característicos de um determinado tempo e lugar, e de acordo com as peculiaridades existentes, sendo estas, fundamentais para identificarmos a forma como se apresenta a criminalidade na sociedade, que é peculiar para cada espaço da cidade. Portanto, compreender a maneira como a referida criminalidade se apresenta, em diferentes lugares, é fundamental para análise e prevenção da mesma, pois os lugares apresentam processo de produção espacial e dinâmica territorial distinta, o que acaba permitindo compreender a existência de uma tipologia de criminalidade e violência específica dos lugares.

Neste sentido, ao relacionarmos conceitos simples de violência, com a cidade e ao conjunto de indicadores sociais (saúde, educação, moradia, etc.), podemos observar que a deficiência destes ocasiona a transgressão de um conjunto de normas, valores, princípios, formas de pensar, traços culturais, entre outros. Todavia é necessário compreender a violência urbana voltada para o contexto e as peculiaridades locais. Não podemos limitar um conceito amplo, relativo e complexo como este; é importante ressaltar que estas práticas (transgressão das regras para vida em sociedade), para caracterizar este tipo de violência, ocorrem sempre no limite do espaço urbano, e acabam sendo referência na construção deste espaço, onde se faz necessário focar a relação do homem com este, sendo assim, fundamental nos aproximarmos de uma visão geográfica do referido conceito.

193

Oliveira et al. (2004, p. 91) observa que:

As taxas altas de homicídios correspondem às capitais e às regiões metropolitanas, onde temos urbanização acelerada, alta concentração de moradores nos bairros periféricos, vivendo condições de desigualdade, como no caso da região sudeste do Brasil (a mais rica e mais desigual) e que também apresenta taxas mais insistentemente elevadas de óbitos por causas violentas.

A Região Metropolitana de Belém aparece segundo estatísticas oficiais como uma das que teve o maior índice de crescimento de violência no Brasil, conforme demonstra o quadro 01.

A Região Metropolitana de Belém, conforme especificado anteriormente, apresenta taxa elevadíssima de criminalidade, no entanto, acontece uma espacialização heterogênea da criminalidade, que se concentra em alguns bairros da RMB. Essa heterogeneidade e fragmentação proporciona o aparecimento de conflitos desencadeando a violência, criminalidade e conseqüentemente, o medo.

Quadro 1: Número de Homicídios por Região Metropolitana. Brasil. 2000/2010*

Região Metropolitana	2000	2005	2010	Δ%
1. Salvador	359	1.372	2.129	493,0
2. Belém	339	837	1.639	383,5
3. São Luis	144	263	610	323,6
4. Vale do Itajaí	11	26	44	300,0
5. Natal	113	204	363	221,2
6. João Pessoa	261	414	814	211,9
7. Macéio	389	703	1.012	199,5
8. Maringá	37	72	106	186,5
9. Vale do Aço (MG)	40	68	114	185,0
10. Curitiba	694	1.313	1.880	159,9

* As dez Regiões Metropolitanas que sofreram maior variação na taxa de homicídio no período 2000/2010.

Fonte: Instituto Sangari (2012). Adaptado pelo autor.

Com isso, é ratificada a ideia de que alguns bairros da cidade são mais violentos. De acordo com a classificação de maior índice de criminalidade (SEGUP, 2013), todos os bairros apresentados na tabela 2 são predominantemente formados por áreas de intensa periferação, composto na sua maior parte de aglomerados subnormais, exceto o bairro da Batista Campos. O que demonstra claramente a espacialidade da criminalidade em Belém, destacando principalmente os bairros mais pobres, como é caso do Guamá, Jurunas e Pedreira.

194

Quadro 02: Classificações dos bairros de maior incidência de criminalidade, na Região Metropolitana de Belém, 2011-12.

Bairros	Nº de crimes (2011)	Nº de crimes (2012)	População (2010)
Guamá	7.014	6.308	102.124
Marco	6.346	5.565	64.016
Pedreira	6.306	5.324	69.067
CN – 1, 2, 3, 4, 5, 8	6.236	5.640	70.000
Jurunas	5.857	5.700	62.740
Campina	5.685	4.694	5.407
São Brás	5.183	4.619	19.881
Marambaia	4.878	4.396	62.370
Coqueiro	4.369	Sem dados	36.963
Sacramenta	4.283	3.587	44.407
Terra Firme	3.114	2.450	61.439
Batista Campos	2.722	2.505	19.136

Fonte: SEGUP (2013). Adaptado pelo autor.

A partir da tabela dos crimes da RMB podemos assim, ratificar as colocações feitas Cardoso (1972 *apud* BEATO FILHO, 2012, p. 32-33):

Existem vastas áreas e grupos sociais que não se encontram submetidos ao controle do estado de direito. São “sociedades naturais”, nas quais grupos e coalizões criminosas logram, por meio da violência, conquistar a hegemonia política em territórios específicos.

Assim, por meio destes fragmentos, para estabelecer a ordem e a diminuição nos índices de violência, há uma necessidade de que o Estado se faça presente no cotidiano das cidades e bairros, onde o crime e o medo generalizado imperam. No entanto, a mentalidade de combater a criminalidade e a violência somente como um caso de policia, também provoca alguns equívocos na ação do Estado. É preciso entender a elevação dos índices de violência e criminalidade como um fenômeno social, marcado pela reduzida da presença do Estado, nas suas diversas ramificações, de promoção do bem estar social, através de escolas, saúde, saneamento, infraestrutura, lazer, etc.

A CARTOGRAFIA DOS HOMICÍDIOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM: A PARCERIA COM A SEGUP E A NECESSIDADE DE COMPREENDER A DINÂMICA CRIMINAL A PARTIR DE UM OLHAR GEOGRÁFICO

O ano de 2010, mas corretamente o mês de outubro, marca uma mudança nas discussões no Grupo Acadêmico Produção do Território e Meio Ambiente na Amazônia-GAPTA. Nesse ano fomos procurados pelo alto Comando da Polícia Militar do Pará. O objetivo da visita naquele momento era ajudá-los a compreender o fenômeno da violência urbana a partir de um olhar geográfico – o maior interesse dos militares era, até então, a cartografia – mapas da cidade de Belém – que pudesse ajudar a entender a espacialidade dos crimes em Belém. A partir desse momento se inicia uma parceria da Faculdade de Geografia e Cartografia com a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará, especialmente com o Instituto de Segurança Pública do Pará – IESP e Secretaria Adjunta de Informação e Análise Criminal – SIAC e no ano de 2012 a parceria é estendida com a entrada da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

Nesses três últimos anos a parceria já teve como fruto a realização de uma especialização “em Gestão Ambiental e Segurança Pública”, no ano de 2012-13. Com participação de 42 alunos na sua grande maioria capitães do Corpo de Bombeiros Militar e da Polícia Militar, de diversos estados do Brasil, militares de Brasília, Amapá, Amazonas e Maranhão. Diversos cursos de curta duração na capacitação de agentes de segurança pública na utilização de ferramentas de geoinformação, programas como Arcgis, Terraview, Quantum Gis, etc. capacitando mais de 200 agentes. Participação na reformulação da grade curricular dos cursos de formação policial, desde a formação do Soldado – CFSD, passando por Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – CAO – destinado a capitães do Corpo de Bombeiros Militar, da Polícia Militar e Delegados da Polícia Civil e Curso Superior de Polícia – CSP, destinado a Major e Tenentes-coronéis do Corpo de Bombeiros Militar, da Polícia Militar e Delegados da Polícia Civil.

No ano de 2013 aprovamos dois projetos de pesquisa com o objetivo principal de analisar o comportamento criminal, especialmente de homicídios na Região Metropolitana de Belém e dois de extensão com o objetivo principal de criar um Atlas Geográfico Criminal de Homicídios da Região Metropolitana de Belém e secundariamente capacitação de agentes de segurança pública na utilização de ferramentas de geoinformação.

A pesquisa e o projeto de extensão encontram-se em uma fase intermediária, os mapas de homicídios já foram finalizados. Foram produzidos 198 mapas de localização de homicídios nos municípios de Belém, Ananindeua e Marituba, os anos escolhidos foram 2011-2013. Os dados criminais foram obtidos a partir da parceria com a SIAC, que nos forneceu as informações sobre homicídios. Os mapas foram produzidos respeitando o critério de regionalização utilizado pela SEGUP/PA, que é o de Áreas Integradas de Segurança Pública – AISP. Como critério metodológico para a sobreposição de informações cartográfica foi utilizado o conceito de áreas Aglomerados Subnormais, que segundo o IBGE (1998, p. 17-8) seria:

196

(...) (favelas ou similares) é um conjunto constituído por no mínimo 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em sua maioria de serviços públicos e essenciais.

A identificação dos aglomerados subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios:

1) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular), no momento atual ou em períodos recentes (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos).

2) Pelo menos uma (1) das seguintes características:

2.1) Urbanização fora dos padrões vigentes – refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais, e construções não regularizadas por órgãos públicos;

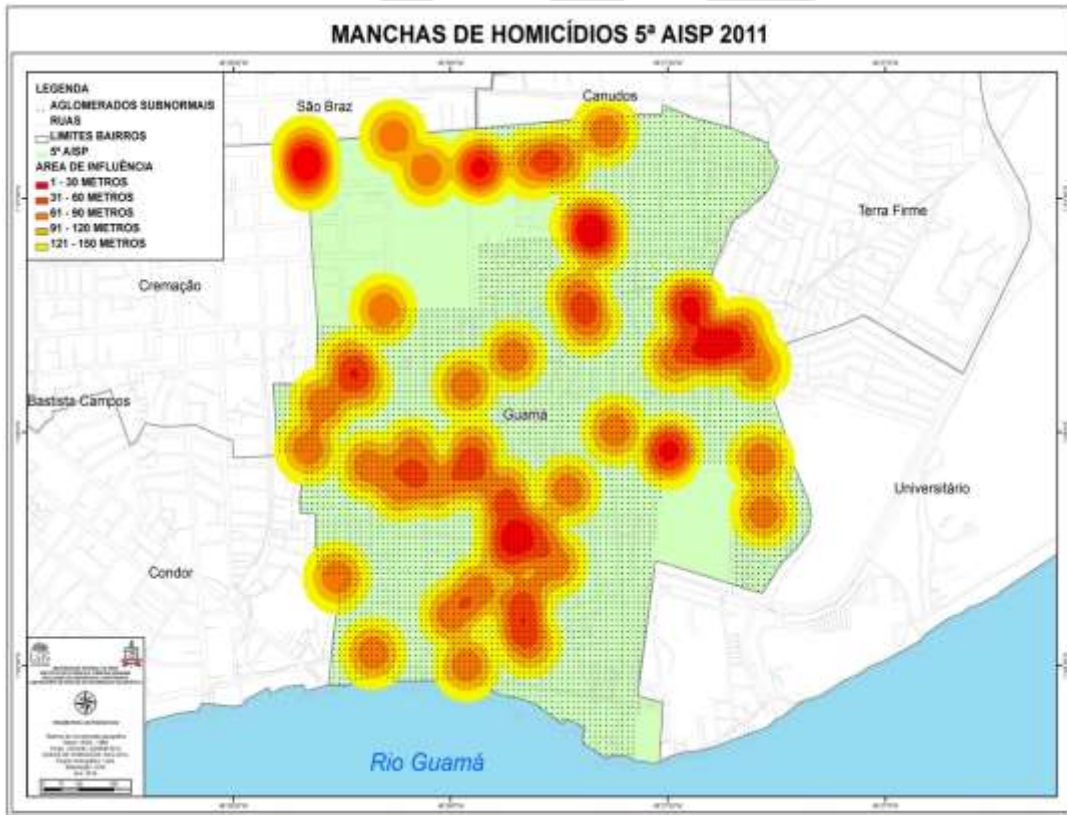
2.2) Precariedade de serviços públicos essenciais.

Os aglomerados Subnormais podem se enquadrar, observados os critérios de padrões de urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais, nas seguintes categorias:

- invasão – loteamento irregular ou clandestino, - áreas invadidas e loteamentos irregulares ou clandestinos regularizados em período recente.

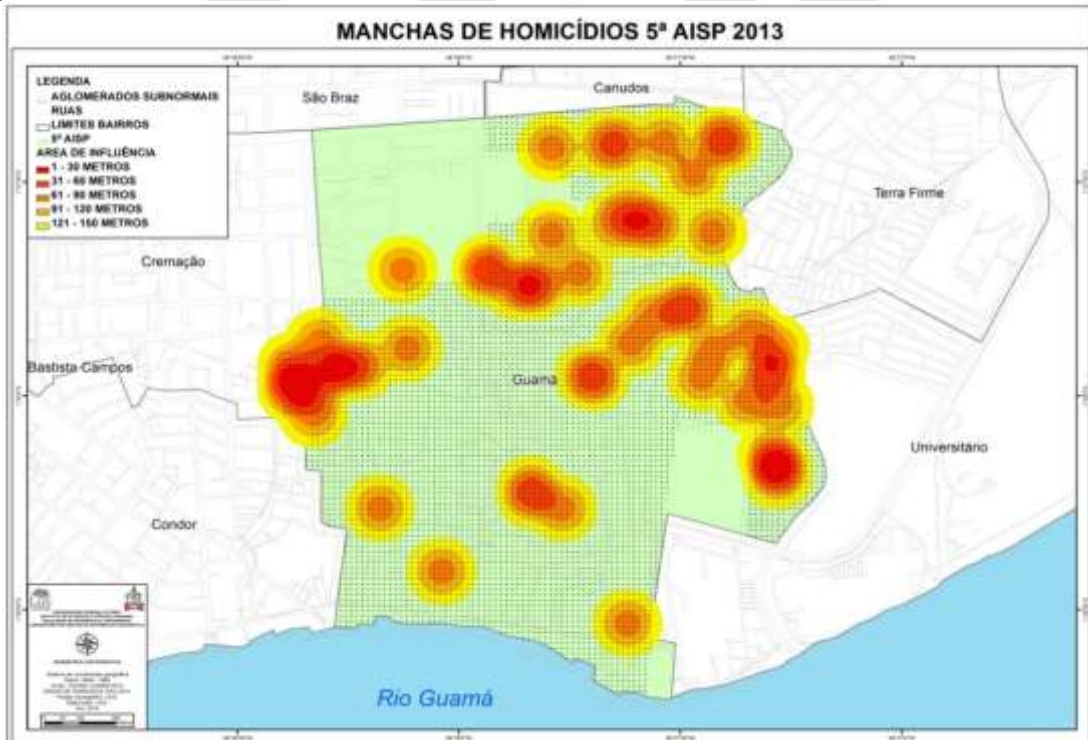
Mesmo sabendo que o conceito sofre uma série de críticas, precisamos apresentar um conceito que também disponibilize um *shape* das cidades pesquisadas, para podermos cruzar as informações de homicídios com a produção do espaço. Algumas áreas de Belém, Ananindeua e Marituba apresentam índices muito elevados de homicídios e são de difícil entrada, devido ao forte controle por alguns grupos criminosos. Assim, decidimos *a priori* utilizar esse conceito para fazer a relação entre produção do espaço e áreas de *hot spot's*, - criação das zonas vermelhas de homicídios. Para efeito de demonstração, utilizaremos somente alguns mapas produzidos a partir das informações do banco de dados da 4ª. AISP (bairros do Jurunas e Batista Campos) e 5ª. AISP (bairro do Guamá).

Mapa 01: Mancha de Homicídios da 5ª. AISP – 2011.



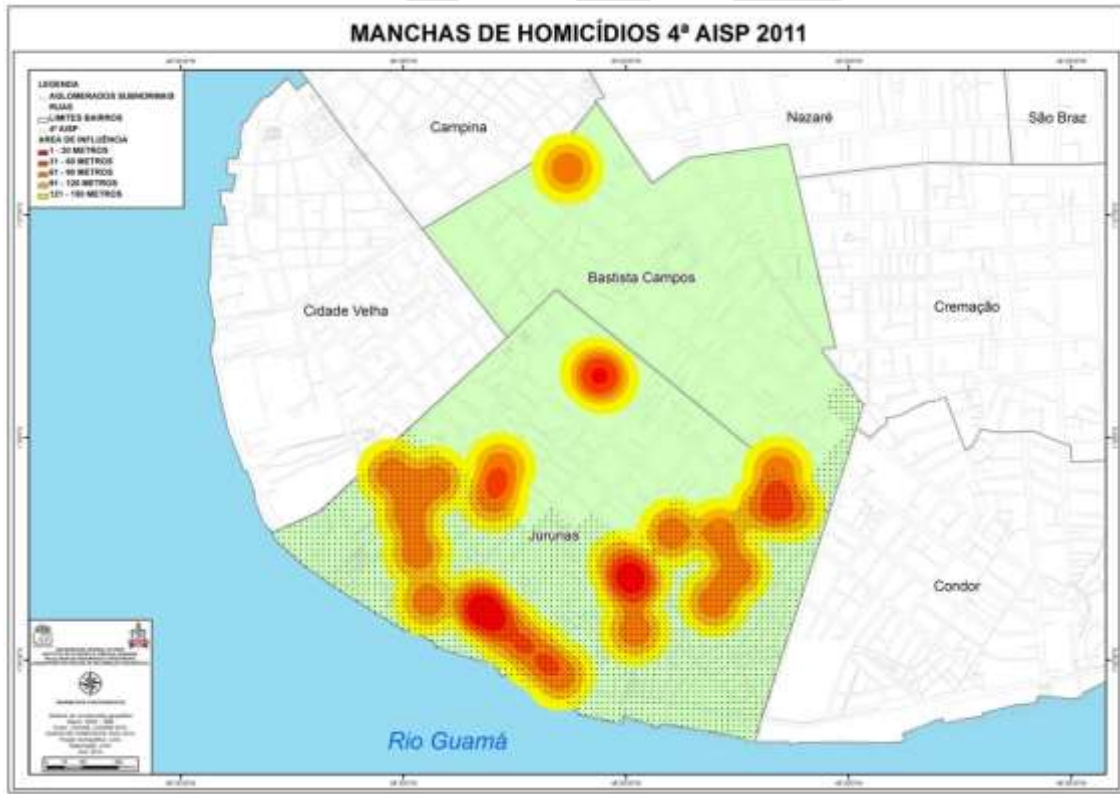
Fonte: Dados obtidos a partir das informações de Homicídios fornecidos pelo SIAC (2014).

Mapa 02: Mancha de Homicídios da 5ª. AISP - 2013



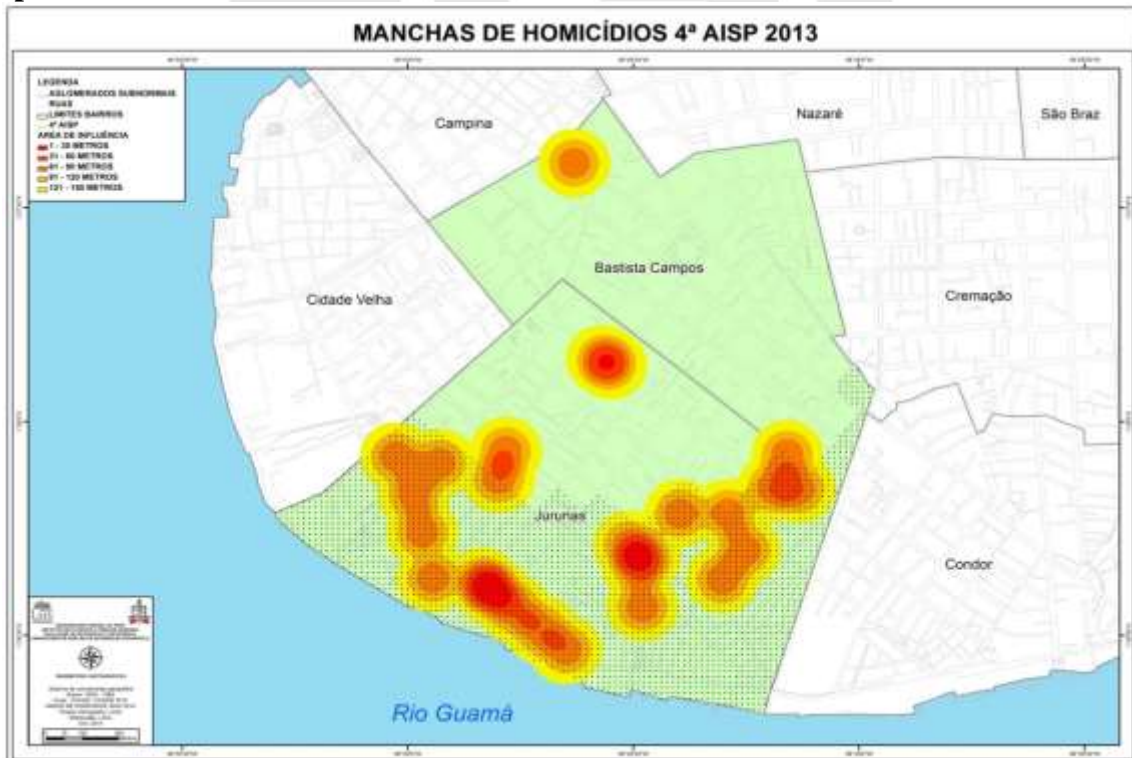
Fonte: Dados obtidos a partir das informações de Homicídios fornecidos pelo SIAC (2014).

Mapa 03: Mancha de Homicídios da 4ª. AISP - 2011



Fonte: Dados obtidos a partir das informações de Homicídios fornecidos pelo SIAC (2014).

Mapa 04: Mancha de Homicídios da 4ª. AISP - 2013



Fonte: Dados obtidos a partir das informações de Homicídios fornecidos pelo SIAC (2014).

Ao analisamos os mapas, levantamos uma questão primária, os aglomerados subnormais são áreas onde acontece a predominância de homicídios, tanto na 4^a. quanto na 5^a. AISP, predominante nos bairros do Jurunas e Guamá. No entanto, no bairro da Batista Campos ocorreu somente um homicídio no ano de 2011 e outro no ano de 2013, os dois localizados no mesmo perímetro, nas adjacências com o bairro da Campinas. Ao contrário dos dois primeiros bairros, o da Batista Campos não apresenta aglomerados subnormais, tem população residente na sua grande maioria pertencente às classes alta e média alta, sendo um dos bairros mais elitizados de Belém.

Os dados da tabela abaixo mostram o número elevado da taxa de homicídios nas AISP's trabalhadas. O bairro do Guamá apresenta a maior taxa de homicídio do Estado do Pará e Jurunas encontra-se em segundo lugar. No entanto, no bairro da Batista Campos esse número é insignificante para efeito das estatísticas de segurança pública, nos anos de 2011-2013 o bairro teve somente um homicídio por ano. Uma questão inerente para análise diz respeito à forma da produção do espaço (LEFEBVRE, 2006; SANTOS, 2008; SOUZA, 2000). Nesse caso, a produção do espaço e a dinâmica do território foram fatores determinantes para compreensão dos indicadores de violência. Os bairros de Jurunas e do Guamá configuram como os bairros mais populosos de Belém, apresentando precários indicadores socioeconômicos, enquanto o bairro Batista Campos é elitizado, o que nos remete a forma que cada grupo social encontra para se proteger e o papel do Estado na proteção e prevenção de forma diferenciada.

Quadro 03: Número de Homicídios nas 4^a. e 5^a. AISP nos anos de 2011-13

		2011	2012	2013
4 ^a . AISP	Jurunas	29	50	35
	Batista Campos	1	1	1
5 ^a . AISP (Guamá)		56	65	57

Fonte: Dados obtidos a partir das informações de Homicídios fornecidos pelo SIAC (2014).

Um fator ainda relevante diz respeito à disputa por território entre grupos que controlam o tráfico de drogas nos bairros do Jurunas e Guamá. O crime não acontece simplesmente pela rivalidade entre grupos, mas do efeito que essa rivalidade provoca que consiste na necessidade constante da manutenção e expansão do consumo local de drogas. Ao analisamos os dados de homicídios é visível que ele atinge principalmente a população jovem

com idade entre 16-24 anos seguindo o padrão nacional. Muito desses jovens são mortos por acerto de contas com o “dono da boca”, por disputa entre grupos rivais, hoje em escala reduzida e em confronto com a polícia. No entanto, mas duas coisas merecem atenção: a primeira questão é que existe uma necessidade de manutenção de um *status* pelos jovens, que nem sempre estão relacionados com o tráfico, em uma sociedade marcada pelo medo, onde a ausência do Estado é fortemente sentida é de certa forma comum que aconteça homicídios, ligado a “rixas” entre rivais, por motivos banais, devido simplesmente pela necessidade da manutenção de *status*.

Uma segunda questão é que há indícios da existência de um grupo de extermínios no bairro do Guamá, no entanto, ainda não temos evidências totalmente claras para comprovar tal questão, nos últimos anos os homicídios praticados no bairro envolveram diretamente pessoas que tinham alguma relação com a criminalidade, tinham praticado crimes no bairro ou mesmo que tinham saído recentemente da prisão.

Ao analisamos a relação entre expansão do tráfico de drogas, dinâmica do território e a produção do espaço urbano, em especial para as áreas de periferização da Região Metropolitana de Belém, podemos fazer uma analogia como se fosse uma empresa, que disputa novas zonas de expansão da sua mercadoria, nesse caso, drogas. As novas aglomerações subnormais passam a ser, de modo geral, novas zonas de violência e criminalidade. Essa nova área de ocupação passa a ser ponto de disputa de diversos grupos de traficantes, que iniciam a escala da violência e crimes, quando:

- a) Buscam aliciar jovens como consumidores de drogas, quase sempre maconha ou algum tipo de solvente, em um primeiro momento a droga é fornecida de graça ou a um baixo preço, quando o jovem se encontra viciado, o mesmo começa a praticar pequenos delitos na comunidade, como se fosse um “treinamento” para praticar crimes de maior gravidade em um segundo momento, nessa perspectiva os traficantes começam a formar seu mercado consumidor interno e conseqüentemente a se preparar para ampliar o seu território.
- b) Um segundo momento, o jovem viciado é forçado a roubar e/ou furtar para manter o seu vício, dependendo do nível de respeitabilidade na área, o mesmo passa a praticar esses delitos “a mão armada”, quase sempre a arma utilizada no crime é de um terceiro que foi “alugada”. O risco de acontecer um crime violento é ampliado, jovem entre 13 a 16 anos com uma arma na mão é risco quase que certo de latrocínio.

- c) Um terceiro momento da produção da violência e criminalidade diz respeito aos homicídios relacionados a dívida com o traficante local, a não realização e/ou “fracasso” nas atividades de roubo e furto muitas das vezes acaba sendo a sua sentença de morte. O traficante local, devido a sua posição inferior na cadeia hierárquica do tráfico é forçado a matar o viciado como forma de manter o controle do território e ao mesmo tempo serve de ameaça para os outros usuários de droga.
- d) O quarto momento da produção da violência e criminalidade acontece quando os diversos grupos de traficantes, territorializados nas “bocas”, passam a disputar territórios com grupos rivais, essa disputa acontece na microescala de poder, disputam ruas, quarteirões, esquinas, etc.
- e) Um quinto momento da produção da violência e da criminalidade acontece quando ocorre a intervenção da ação do Estado, a entrada da polícia nesses novos territórios, muita das vezes amplia a violência, aumentando o número de homicídios por diversos motivos. Mas prioritariamente é a disputa entre o agente territorial nato (Estado) representado pela polícia contra os grupos de traficantes que disputam o território, ressaltando que quase sempre a primeira ação estatal nesses aglomerados é realizada pela polícia, como forma de pacificar e acabar com violência. A ação policial antecede a ação em saneamento básico, a educação, a saúde, a transporte, lazer, etc. Nessa perspectiva, o Estado entende e “combate” a violência e a criminalidade como caso de polícia e não como um fator social, que diz respeito a diversos seguimentos e demanda por serviços e equipamentos públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisamos os dados e a produção cartográfica dos homicídios na Região Metropolitana de Belém, algumas questões nos chamam atenção. Primeiramente, em todas as AISP dos Municípios de Belém, Ananindeua e Marituba a geração de *hot spots* – “zonas vermelhas”, coincidiram com os Aglomerados Subnormais, o que demonstra claramente que esse tipo de crime está diretamente associado a forma de produção do espaço, dinâmica do território, devido principalmente a precária presença do Estado nos serviços mais básicos e no processo de expansão da criminalidade para as áreas de periferização.

Outra questão que nos chama a atenção está na relação direta que o tráfico de drogas estabelece com a elevação da taxa de homicídios das áreas de periferização, pois o mesmo ao

se expandir produz uma dinâmica de poder e conseqüentemente uma nova territorialização. Não somente pela disputa de novas áreas de consumo e tráfico de drogas, mas também porque de forma indireta está associada ao aumento das taxas de roubo e furto e conseqüentemente a elevação do número de jovens que praticam esses crimes, o que acaba provocando o aumento das taxas de latrocínios e de homicídios de jovens delinquentes, pois morrem praticando assalto a partir do contato direto com as forças policiais ou mesmo foram vítimas “possivelmente” de grupo de justiceiros/extermínios, com destaque para o bairro do Guamá.

202

Uma terceira questão para análise da elevação das taxas de homicídios está na forma que o Estado trata a questão de criminalidade, ainda se trata a violência e o crime como mero caso de polícia. Nas áreas de periferização a primeira forma que o Estado se faz presente é pela ação das forças policiais, o que em um primeiro momento faz ampliar as taxas de homicídios da área. Nesse caso, a forma que o Estado se apresenta é pela ação coercitiva, impondo a ampliação do medo e da violência.

Outra questão pertinente diz respeito à necessidade de ampliação da parceria entre as instituições que compõem a Secretaria de Segurança Pública com as Universidades, produzindo uma análise mais complexa dos problemas que envolve temas de violência e criminalidade, buscando uma visão que supere a questão jurídica muito presente nas instituições policiais, permitindo, assim, uma visão das Ciências Sociais, em especial da Geografia.

A produção cartográfica e análise geográfica são “ferramentas” que estão sendo de grande importância para o entendimento do comportamento criminal e da violência, fato este que vem sendo evidenciado a partir de uma produção acadêmica, que envolveu diversos agentes de segurança pública, os mesmos participaram como agentes ativos na produção do conhecimento, através de artigos, monografias de especialização, dissertação de mestrado entre outras, juntamente com professores e discentes da UFPA e da UEPA, produzindo assim, um conhecimento mais próximo da realidade da Região Metropolitana de Belém.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, D. P. D. **Crime e criminalidade: distinção**. 2004. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/1954>> Acesso em 25 de nov. 2012.

ARENDRT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BEATO, Claudio. **Crime e cidades**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. et al. A produção do espaço e a formação de zonas de violência: a utilização das ferramentas de geotecnologias no uso de estratégias de prevenção e combate a criminalidade no município de Marituba – PA. Belo Horizonte: **Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos Brasileiro**, UFMG, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Quem produz o espaço urbano? In: CORRÊA, R. L. (Org.). **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. p. 11-31.

FERREIRA, I. C. B.; PENNA, N. A. Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo, **Anais...** São Paulo: USP, 2005. p. 5039-5056.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história de violência nas prisões**. 39ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo: EDUSP, 2010.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IBGE. **XI Recenseamento Geral do Brasil: Manual de delimitação dos setores de 2000**. 1998.

LEFEBVRE, Henry. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MELO, Alberto de Castro. **Violência Urbana na Região Metropolitana de Belém-PA: no período de 2006 a 2012: O caso dos Bairros de Curuçambá, PAAR e Distrito Industrial**. Monografia (Graduação em Geografia). Belém: FGC/IFCH/UFPA, 2012.

NUNES, Christian da Silva. et al. Sociedade, Espaço e Políticas Territoriais na Amazônia Paraense. Belém: GAPTA, 2012

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 2000.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a questão da militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapas da violência 2010: Anatomia dos homicídios no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

Artigo Recebido em: 14 de maio de 2014.
Artigo Aprovado em: 22 de junho de 2014.